

E a mulher implorava: "Cura ele, meu Pai, cura ele"

Mãos juntas em frente ao corpo, a mulher simples, vestido azul desbotado, chinelos arrastando pelo chão, pedia em voz baixa: "Cura ele, meu Pai, cura ele". Bíblia nas mãos, terno gasto, o homem sofrido rezava, ajoelhado no asfalto: "Cura ele, meu Pai". Longa túnica branca, o jovem de cabelos compridos e olhos brilhantes, suplicava: "Cura ele, meu Pai". Em Manaus, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, São João del Rei e nos mais de quatro mil municípios do País, milhares de brasileiros oravam: "Cura ele, meu Pai".

Ansiedade, torcida, espanto, incredulidade, revolta, alegria. Unidos numa imensa corrente de solidariedade, nunca se rezou tanto neste país pela recuperação de um homem. Tancredo de Almeida Neves conseguiu unir a fé de católicos, espíritas, umbandistas, judeus, budistas, muçulmanos, protestantes — cada brasileiro pedindo a seu Deus pela saúde do seu presidente, que nem tomou posse. E era o presidente com que todos sonhavam.

Durante os 39 dias em que Tancredo Neves lutou contra a morte — "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?" —, nunca faltaram fé, esperança e coragem. A fé: o menino Édson dos Santos chega na manhã do sábado de Aleluia ao Instituto do Coração com "um remédio vindo de Roma", dado pela patroa de sua mãe, e uma carta. Chovia muito. Édson não encontrou ninguém que pudesse levar ao presidente a sua encomenda.

A esperança: "Tancredo, seu presidente, caminha para a recuperação". Lágrimas nos olhos, a frase de dona Risoleta comoveu o País, transmitindo uma convicção que começava a faltar no coração dos brasileiros. "Ela resolveu falar porque Tancredo não está podendo, porque é ele quem fala pelos dois", diria mais tarde dona Zininha, irmã do presidente eleito. Mais uma vez, a esperança renasceu e todos voltaram a rezar com mais confiança.

Nesses dias de sofrimento, fé e esperança já não eram mais simples virtudes irmãs: estavam irremediavelmente ligadas. E a resultante, que Ulysses Guimarães chamou de coragem, era o próprio Tancredo, a coragem.

A manifestação de religiosidade popular era



tão intensa e desinibida que até reconhecidos políticos não-religiosos que foram visitar a família Neves no hospital, sentiam-se constrangidos se não falassem algo místico para rádios e TVs. E geralmente safam-se com declarações meio desenxabidas sobre "pensamento positivo".

Dias de vigília. Por todo o País, transformado em imensa e angustiada sala de espera, as pessoas ocuparam as igrejas, uniram-se nas praças, rádio de pilha colado ao ouvido. Médiums, videntes, milagreiros, exorcistas, gente anônima e simples — cada um, a seu modo, procurou fortalecer a corrente de solidariedade. Uma mulher apareceu com besouros e amendoins — "é bom para o presidente", explicava —, homeopatas prontificaram-se a atender Tancredo Neves. Na região de Presidente Prudente, no Interior paulista, uma legião de pais e mães de santo reuniram-se para uma sessão em que tentavam conjurar os "bons espíritos".

A tradicional comemoração da colônia japonesa pelo nascimento de Sidartha Gautama, o Buda — com crianças parmentadas de cores alegres cercando os monges pelas ruas do bairro da Liberdade — só foi acompanhada pelos delicados sons de sininhos. Os cânticos de praxe foram dispensados: afinal até o zen, o estado da contemplação, respeitava a dor do presidente, um presidente também da Liberdade. Com a mesma rapidez com que chegava, o alívio desaparecia.

Na Semana Santa católicos do País inteiro rezaram pelo presidente eleito. Em Juazeiro do Norte, milhares deromeiros suplicaram ao Padim Ciço. Em São João Del Rei, terra dos Neves, a "rasoura", pequena procissão iluminada a velas, foi uma cerimônia emocionante e ainda cheia de esperança. No domingo de Páscoa, d. Paulo Evaristo Arns rezava: "Não procureis entre os mortos aquele que está vivo. Aleluia".

Ajoelhada, mãos juntas, cabeça baixa, dona Risoleta ouviu o cardeal durante a homilia: "Maria Madalena foi a mulher que correu para os discípulos para avisar que Cristo não estava mais na sepultura. Agora é a grande hora da mulher brasileira anunciar a possibilidade de vida e ensinar os homens a buscar a notícia certa para haver a Ressurreição". No domingo, os brasileiros ainda acreditavam.

O País sofreu, mas São João Del Rey, sofreu mais. Durante os dias em que o presidente eleito esteve internado, o humor de seus conterrâneos variou de acordo com as notícias sobre seu estado de saúde. A cada boletim animador, a população respirava aliviada, mas continuava a rezar. A ca-



Foram 39 dias de rezas, sofrimento e esperança. Tancredo está morto, mas continuam os seus sonhos de Nova República

da nova cirurgia, a tensão aumentava, o tom das conversas era grave e havia correria na casa dos Neves.

Pela manhã, senhoras sóbrias caminhavam para as dezenas de pequenas igrejas da cidade. Tancredo estava incluído em suas orações. Mas o ponto de encontro foi sempre a casa de dona Zininha, irmã mais nova do presidente, que nunca

perdeu a esperança de ver Tancredo recuperado. Humilde e discreta como os mineiros serranos, ela juntou-se às orações de São João Del Rey e, depois, às lágrimas gerais.

Na Sexta-Feira Santa, durante a procissão do Senhor Morto, uma homenagem ao presidente eleito: durante 32 anos, ele esteve presente à cerimônia, carregando uma lanterna de prata do sé-

culo XVIII, símbolo da confraria e até de sua autoridade — como vereador, prefeito, senador, governador e, este ano, esperado como presidente. Tancredo ausente, ainda assim a tradição foi mantida Otávio, o irmão mais velho, carregou a lanterna. Pregada na parede de uma casa, uma faixa resumia o sentimento de São João: "Dr. Tancredo, mais uma vez Minas paga

caro pela liberdade". Lentamente, a procissão passou por ali.

Agora, São João chora. Está irremediavelmente perdido um sonho da cidade: o de transformar-se em "São João Del Presidente". Agora, o Brasil chora. A vigília acabou. Milhares de órfãos não rezarão mais pelo presidente da esperança. Farão a Nação de esperança que ele sonhou.

Foto João Pires